

Memória, escrita e assimetria de poder em Tropical sol da liberdade, de Ana Maria Machado

(Memory, writing and power in *Tropical sol da liberdade*,

by Ana Maria Machado)

Rosani Úrsula Ketzer Umbach

Universidade Federal de Santa Maria

Vera Lucia Lenz Vianna

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: *Tropical sol da liberdade* apresenta uma variedade de tempos distintos e intercalados entre si na composição da trama narrativa: o tempo mágico da infância; o envolvimento da personagem durante o período da ditadura no país; o tempo no exílio e o seu retorno à casa materna – onde um processo de autoconhecimento e profundas reflexões é deflagrado. Da intercalação e combinação desses horizontes temporais díspares, mas não excludentes, a narrativa de Ana Maria Machado convida o leitor a refletir e a interrogar um período conturbado da História do Brasil. Este artigo propõe iluminar algumas características estéticas do texto, como o papel da memória individual e da memória coletiva e sua relação com a História, bem como o entrelaçamento entre texto literário e questões éticas.

Palavras-chave: memória; escrita; violência

Abstract: *Tropical sol da liberdade*, presents a variety of distinguishing but interrelated times in the composition of Ana Maria Machado's novelistic plot: the magic time of the protagonist's childhood; the time she spent in exile and the present time of the narrative - characterized by her return to the family's house and by an in depth process of self knowledge. From the interrelation and combination of such uneven temporal horizons, Ana Maria Machado's narrative develops and invites the reader to question and reflect about a troublesome period in the Brazilian History. The present work sheds a light into some aesthetic aspects which characterize the text, such as the role of individual and collective memory and their relation to History, as well as the correlation between fiction and ethics.

Keywords: memory; writing; violence

Rosani Úrsula
Ketzer Umbach

Vera Lucia
Lenz Vianna

70

*Se me perguntarem o que é minha pátria direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.
(Vinícius de Moraes)*

Mais conhecida pelo público leitor por seus livros e peças para crianças, Ana Maria Machado escreve, em 1988, *Tropical sol da liberdade* – uma ficção madura e densa que instiga o leitor a se debruçar em cada página do romance. Este salto da escritora carioca para o espaço da ficção foi o que nos levou, em um primeiro momento, à leitura da obra e nos instigou a desenvolver, posteriormente, algumas reflexões sobre o romance. Conduzida com habilidade e emoção, a escritura desta narrativa, que é a segunda do gênero, mostra o olhar atento da autora em relação ao peso de um passado histórico que, continuamente, retorna à memória individual e social da nação brasileira – o período de repressão militar. Durante a ditadura, Ana Maria Machado resistia participando de reuniões e manifestações. No final de 1969, depois de sua prisão e a de vários amigos, resolve deixar o Brasil e parte para o exílio. Várias cópias de histórias infantis que Ana Maria estava escrevendo faziam parte de sua bagagem rumo à Europa. São quarenta anos de carreira, mais de 100 livros publicados no Brasil e em mais de 18 países, somando mais de dezoito milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo dos anos de ofício atestam a importância crescente desta escritora carioca no mundo das Letras. Em 2000, recebe o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil e, em 2001, ganha o maior prêmio literário nacional – o Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Hoje, Ana Maria Machado ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Semelhante à “impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila”, a narração é instrumento de retenção do passado e “suporte do poder do

olhar e das vozes da memória” – segundo a historiadora Lucilia Delgado (2006, p. 44). O ato de narrar, reconhecido como uma das formas mais antigas de comunicação, imprime a marca do narrador e atualiza o tempo passado: tornando-o tempo vivo e pleno de significado. Para muitos autores, escrever é recordar. É precisamente o escritor quem tem a possibilidade de modelar, reconstruir e recordar através de sua criação estética que se vincula a elementos históricos. A escrita memorialista segue a tradição dos estudos de Maurice Halbwachs, que acentua o caráter social e reconstutivo da memória com relação à história. Um dos precursores da ideia de que a memória individual está interligada à memória coletiva, Halbwachs (1990) destaca o papel constitutivo das lembranças que os indivíduos têm em comum na união de um grupo social. A memória coletiva, na sua concepção, é composta pelas lembranças de cada um dos indivíduos que pertencem a uma determinada coletividade e, dessa maneira, apresentam formas e conteúdos semelhantes de memória. Ao mesmo tempo, a memória coletiva seria o fundamento sobre o qual cada indivíduo constrói suas lembranças individuais.

Como pode ser observado, o forte elo entre texto e contexto, memória individual e memória coletiva são aspectos marcantes do romance de Ana Maria Machado. Do mesmo modo, este texto reitera a importância da experiência estética no sentido de que ela pode auxiliar na reconstrução da experiência pessoal, produzindo um ethos que reconheça o próprio limite de nosso entendimento sobre o outro. Em *Tropical sol da liberdade*, a escritora utiliza vários acontecimentos vividos durante os anos de sua militância política na composição da trama romanesca. Lançando mão de fatos verídicos desta época, como a sua prisão e a de muitos amigos, a força e a ameaça arbitrária da polícia e agentes do governo, ela encena a própria vida dentro da narrativa ficcional. O drama existencial de uma mulher jovem, jornalista de profissão, que se recupera na casa da mãe e reflete sobre as várias etapas de sua vida, é narrado com sensibilidade penetrante e delicada no texto de Ana Maria Machado.

Atingida pelos traumas de sua militância política, as esmagadoras repressões militares, e conflitos afetivos, o retrato de uma personagem que se debate entre fato e fantasia, lapsos de memória e problemas de fala vão sendo delineados logo nas primeiras páginas da obra. Do mes-

Memória,
escrita e
assimetria de
poder em
*Tropical sol da
liberdade*, de
Ana Maria
Machado

71

Rosani Úrsula
Ketzer Umbach

Vera Lucia
Lenz Vianna

72

mo modo que a fala, o corpo da personagem também apresenta um grau de desequilíbrio: é como se ele estivesse suspenso entre o presente e o passado parecendo não lhe pertencer. Eis a representação de uma personagem que se encontra em um momento de grave crise existencial. Consciente de sua frágil condição, “onde as palavras fugiam por completo, impossíveis de fisgar” (p. 49), sua luta para sair do anonimato, quebrar o silêncio imposto durante o período ditatorial e conceder voz às desventuras de uma geração rechaçada constituem a tônica do romance. O desejo da protagonista de montar uma peça teatral é um aspecto reiterado em vários segmentos da narrativa, e aponta a necessidade de encenar as experiências violentas que testemunhou, configurando-se também, como uma possibilidade de cura – o anseio de abrir-se novamente para o mundo e desatar o nó que a amarra às memórias passadas de dor e sofrimento.

Estes são alguns dos aspectos que chamaram a nossa atenção e nos levaram a analisar a forma como os elementos apontados encontram-se articulados ao longo dos 15 capítulos que compõem o romance. Em relação à estrutura da história, observa-se que o fluxo da narrativa apresenta múltiplos recuos no tempo. Esses ‘flashbacks’ que aparecem a todo o instante e sem aviso, servem a um propósito vital – a construção do perfil psicológico da protagonista. Esta aparente ausência de organização na construção da forma da narrativa ilumina o movimento de vai e vem da memória da personagem, e conduz o leitor tanto aos seus anos de menina, como ao seu envolvimento contra o autoritarismo, o exílio e, finalmente, o retorno ao país. As lembranças do tempo mágico da infância, entre a casa da praia e o convívio com os avós são fundamentais, pois exercem um papel terapêutico em relação ao corpo e à mente da protagonista.

Irrompendo a cada lembrança, a emoção, mais do que a razão, é a mola-mestra que conduz o fio narrativo da obra, onde os fatos são vistos pelo prisma e os sentimentos de uma mulher. O retorno à casa dos pais configura-se como um momento decisivo. Além de representar um estado transitório de conforto que a presença materna oferece, a personagem que é vista pelo narrador como uma “mulher machucada que precisava se fechar numa toca e ficar passando a língua nas feridas até cicatrizarem” (p. 12), volta a sentir-se em comunhão com a harmonia e a

beleza da natureza que a cerca. Não se pode deixar de destacar a referência constante à natureza ao longo das 347 páginas do livro – um recurso muito presente na descrição da personagem e de seus conflitos. Há, pois, um elo invisível entre esta mulher maltratada pela vida e atormentada por pesadelos recorrentes e a natureza. Elementos como a água, a terra, o sol são evocados para fazer alusões em relação aos sentimentos e à ação da protagonista. No movimento incessante da vida natural e sua efervescência, Lena tenta encher seus pulmões com uma nova energia.

A natureza, iluminada por um intenso sol tropical, dão alento à personagem libertar-se de suas dores: a dor do convívio com um sistema ameaçador, a dor do exílio, a dor de um casamento desfeito, a dor de perceber que sua fala está desconexa, entre outros aspectos. O toque de sol na pele da personagem suaviza a forte tensão que ela enfrenta no presente, permitindo a rememoração de tempos alegres: a frondosa amendoeira que vira nascer e que seguia um calendário regido apenas pelo pulsar de sua seiva, a casa da avó materna que lhe contava histórias de noite, na rede que rangia pra lá e pra cá, a fonte,

*Memória,
escrita e
assimetria de
poder em
Tropical sol da
liberdade, de
Ana Maria
Machado*

73

reduto onde as mulheres da vila em suas intermináveis conversas enquanto lavavam louça, areavam panelas, esfregavam ou batiam roupas nas pedras, ou simplesmente chegavam para encher de água potável a talha de barro que depois levavam equilibrada numa rodilha de pano no alto da cabeça (p. 15).

Descrita como uma casa ensolarada e de forte estrutura que em outras épocas havia sido motivo de farra e alegria para a personagem, a família e os amigos; hoje, a casa simboliza um porto seguro, uma possibilidade de reencontrar a serenidade perdida.

As inúmeras imagens de uma infância feliz onde o cenário enfeitado por uma natureza exuberante se mescla de maneira quase orgânica à vida da personagem, vão sendo ativadas, exigindo uma viagem ao baú íntimo de suas recordações pessoais; nas camadas mais profundas da memória. Apesar de Ana Maria Machado escrever uma história que remete à ditadura, expondo o leitor a muitas páginas dedicadas à descrição de sentimentos perturbadores, como o medo, o desespero de seres

Rosani Úrsula
Ketzer Umbach

Vera Lucia
Lenz Vianna

74

perseguidos e as manobras por eles utilizadas com a finalidade de enfraquecer o poder instaurado, os XV capítulos que constituem a trama do romance, são ora intercalados com descrições nas quais a família de Lena ocupa um espaço fundamental, ora com descrições da bela natureza que acompanha o crescimento da protagonista na casa da praia. Estas ocasiões revelam sentimentos de ternura e generosidade que celebram a vida, preservam laços duradouros de afetividade, e amenizam as suas dolorosas reminiscências.

Vários fragmentos de poemas, hinos, refrões de música que remetem à realidade cultural brasileira, bem como passagens da bíblia, constituem outra dinâmica recorrente na composição do texto e de sua estrutura. Articulados em páginas que antecedem a abertura de cada novo capítulo, pode-se dizer que eles têm a função de destacar de forma peculiar, o tom de grande sensibilidade que permeia a narrativa e a denúncia política e social que caracteriza o relato ficcional. Tomemos o capítulo VII onde encontramos um poema de Maurício Tapajós, ou o capítulo IX, onde este recurso remete a Carlos Drummond de Andrade:

Você corta um verso
Eu escrevo outro
Você me prende vivo
E eu escapo morto
De repente olha eu de novo
Perturbando a paz
Exigindo o troco

(Maurício Tapajós – Paulo César Pinheiro)

Eu também já fui brasileiro,
Moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
E aprendi em mesas de bares
Que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
E todas as virtudes se negam.

(Carlos Drummond de Andrade)

A inclusão desta estratégia no próprio corpo do texto é igualmente abundante. Trata-se, então, de um artifício que reforça a natureza histórica dos eventos relatados no plano do enredo e destaca o tom de emoção que se espraia pela narrativa. Durante a ocasião em que a protagonista está sendo levada para a cadeia, por exemplo, é para um fragmento da bíblia que ela se volta como meio de não perder a coragem: “Tu que habitas sob a proteção do Altíssimo, que moras sob a sombra do Onipotente, dize ao Senhor: “Sois meu refúgio e minha cidadela, meu Deus em quem eu confio” (p. 273).

No plano da ação, a posição da protagonista enquanto sujeito encontra-se limitada. A representação da personagem de Ana Maria Machado revela a fragmentação de sua identidade e a imprecisão que caracteriza o lugar que ocupa - tanto na esfera individual, como na esfera pública. Se a prática discursiva, bem como a noção de agenciamento, introduzem a possibilidade de resistência e mudança, conferindo a capacidade de intervenção do indivíduo em seu contexto, a protagonista do romance se distancia dessa premissa - seu espaço é o limbo. Seguindo o pensamento de Landowski (2002), ocorre uma semantização negativa em relação ao lugar ocupado pela protagonista. Este aspecto é problematizado no romance de forma a fazer o leitor perceber, com maior intensidade, a dificuldade da personagem em reconciliar-se com o passado. Ao assumir um lugar contrário ao do grupo de referência representado pelo sistema político do país, Lena sofre uma denegação em relação à sua diferença.

Esta estratégia de exclusão produz um sentimento de não-identidade e de alienação, uma vez que as vozes daqueles que não se alinhavam à proposta ideológica dos anos de repressão, conviviam com o anonimato. Aprisionando, rechaçando e obrigando um contingente significativo de homens e mulheres a viverem na marginalidade ou no exílio, as fronteiras naturais entre o ‘Nós’ e os ‘Outros’ tornaram qualquer forma de negociação traumática e impossível durante esta página da História nacional.

Outro aspecto interessante da obra da escritora carioca é a escolha da voz narrativa em dramatizar não apenas o sentimento de jovens militantes, ou descrever a agonia dos torturados, mas a dor, a revolta e

*Memória,
escrita e
assimetria de
poder em
Tropical sol da
liberdade, de
Ana Maria
Machado*

75

Rosani Úrsula
Ketzer Umbach

Vera Lucia
Lenz Vianna

76

o sentimento de cumplicidade de mães e pais diante do perigo que os filhos enfrentavam. Este aspecto faz parte integral do enredo, aproximando o discurso ficcional ao contexto histórico e político do período da ditadura. Desse modo, tanto Lena como a mãe não conseguem esquecer os momentos de incerteza e as noites mal dormidas gravadas na mente e no corpo dos ativistas, e no coração em suspenso de mães e pais. O episódio de uma manifestação corriqueira que acaba com a morte de um estudante anônimo, cujo ‘crime’ foi protestar contra o preço do almoço, une mãe e filha numa mesma recordação. Juntas, elas lembram a grande passeata que surgiu quase espontaneamente do povo. Elas recordam que nem as luzes apagadas por ordem militar impediram que uma grande massa de pessoas seguisse o cortejo fúnebre.

Naquela noite, a enseada iluminada com a silhueta do Pão de Açúcar ao fundo transformou-se em um ponto cego. A escuridão e o suspense dramático gerado pela incerteza do momento faziam o sangue das pessoas gelar, o coração palpitar, contudo, a energia que impulsionava a multidão e os faróis acesos dos carros não deixavam ninguém acovardar-se. As pessoas pressentiam que as portas fechadas do cemitério podiam ser mais uma isca para uma armadilha perigosa, e resultar em confronto violento. A situação é contornada porque negociações entre políticos, líderes estudantis e o governo permitem o último adeus ao rapaz desconhecido, transformado em mais um símbolo da truculência militar. Sua morte provoca uma comoção geral. Através do narrador, a emoção das pessoas que cantavam o refrão – “Liberdade, liberdade, Abre as asas sobre nós...” (p. 69) é iluminada.

Impossível esquecer datas como aquela ou confundir episódios em que “a cavalaria solta por cima das pessoas nas escadarias da igreja, soldados de sabre desembainhado” (p. 71) avançavam por todo o lado, quebrando a fila de padres que, de mãos dadas, procurava proteger aqueles que assistiam à missa de sétimo dia do rapaz assassinado. Esse tempo deixa marcas na carne de cada família cujos filhos trocaram a segurança do lar para trilhar o percurso de oposição ao governo. Fica claro o ressentimento da protagonista ao perceber como tanta gente parecia ter esquecido depressa um período tão conturbado da história brasileira.

Enquanto a peça de teatro não sai no papel, aguardando a sua recuperação, a angústia da personagem aumenta; havia muito para contar. Observa-se que apesar de Lena dar-se conta da diferença existente entre tempo histórico e tempo individual, ela sente que para o tempo de sua vida esses anos todos eram demais. É como se o tempo estivesse sendo roubado dela “sem possibilidade de devolução” (p. 155). A dimensão dramática da história, mesmo sendo contraposta a várias recordações alegres e singelas é mantida de início ao fim da narrativa, não dando trégua ao leitor. Torna-se difícil ficar impassível diante do estado da personagem que se exaspera com o “ritmo brasileiro de fazer História” (p. 155) e não quer ser tragada “pela rapina do corvo do tempo, que a espoliava com seu nunca mais” (p. 155). Daí sua admiração pelo poder que emana da palavra e o interesse crescente pelos argumentos políticos e éticos de amigos como Carlota e o poeta Luis Cesário. A lucidez e a eficiência com que os pensamentos da amiga são organizados e verbalizados causavam-lhe grande impacto. Lena acompanhava as palavras da amiga e percebia a natureza democrática e dialógica de suas ideias que “ficavam contidas e recolhidas, maturando no silêncio e, de repente, se manifestavam plenas e carregadas de magnetismo [...] inteiramente soldadas ao seu presente e ao futuro do seu país e da gente de todos os países” (p. 101).

O anseio da protagonista em escrever uma peça de teatro, constitui uma forma de verbalizar sua ‘pequena história’ dentro da ‘grande história’ - expressões utilizadas por Walter Benjamim (1975). Temos, assim, o drama individual correndo, paralelamente, ao drama coletivo. Nesse entrecruzar entre história individual e história coletiva, acentua-se a força arbitrária dos acontecimentos políticos e a relação inequívoca com a História. Quem a incentiva nesta empreitada é o poeta Luis Cesário, que, juntamente com sua mulher Carlota, lhe passa grandes lições de vida e informações relevantes. Lena lembra com ternura as conversas nas quais o poeta afirmava a necessidade de uma reflexão moral profunda na sociedade, clamando por um espírito ético que distinguisse a civilização da barbárie, o conceito do bem, a valorização suprema da dignidade do homem.

O olhar solidário do poeta aponta para uma cosmovisão que rejeita hierarquias, a eliminação da alteridade e o apagamento do diálogo. Sua

*Memória,
escrita e
assimetria de
poder em
Tropical sol da
liberdade, de
Ana Maria
Machado*

77

Rosani Úrsula
Ketzer Umbach

Vera Lucia
Lenz Vianna

78

maneira de compreender o mundo e o homem instiga a pensar sobre a conexão entre ficção e ética. Seguindo algumas reflexões de Rorty (1991) sobre esta questão, observa-se que para o teórico, as mudanças na moral, assim como na vida política, dependem de inovações culturais, e são as metáforas que exercem papel nesse processo, à medida que elas podem fazer descrições do homem e do mundo de forma imprevisível. Para Rorty, quando o homem joga outro jogo de linguagem é porque passamos a empregar novas palavras. Esta noção leva o pesquisador a reconhecer a importância do artista, do poeta e do romancista, pois eles criam novas metáforas e linguagens sobre o sujeito e o mundo que aumentam o leque das implicações éticas.

Tropical sol da liberdade problematiza estas questões, mobilizando os sentidos do leitor e convidando-o a uma reflexão pertinente e atual sobre os indivíduos que estão ‘dentro’ e aqueles que estão ‘fora’ da estrutura social, denunciando o jogo assimétrico de poder que impõe a naturalização de formas variadas de violência. Constatamos ao longo dos 15 segmentos narrativos, que a história dos anos de repressão é associada às lembranças individuais da personagem que, por sua vez, estão relacionadas à sua história familiar. Na esteira do conceito de narração discutido por Walter Benjamin (1975, p. 40), esse procedimento remete à expressão “memória involuntária”, criada por Proust, onde a memória conservaria as impressões da situação em que foi criada: “ela corresponde ao repertório íntimo da pessoa. Onde há experiência, no sentido próprio do termo, certos conteúdos do passado individual entram em conjunção na memória com elementos do passado coletivo.” A concepção de história de Benjamin compreende, portanto, a experiência individual – a “pequena” história no contexto da “grande” história, do espaço coletivo maior. A história da personagem do romance pode ser interpretada sob esta ótica.

O álbum de fotografias que Amália mostra à filha durante o período em que ela repousa na casa da família é outro recurso do qual a instância narrativa utiliza para representar conflitos pessoais e coletivos relativos ao contexto histórico que impregnam o discurso ficcional. O álbum exerce um importante papel na lenta cura da personagem no sentido de reorganizar seus pensamentos esfumados. Cada foto, organi-

zada num álbum inocente que registra datas festivas da família, mostra uma data que conduz a um outro plano de significação. As datas das fotos ativam a memória de mãe e filha que passam a lembrar de situações políticas e ideológicas ocorridas paralelamente às datas das fotos do álbum. Muitas destas datas coincidem com revoltas, batidas policiais nas casas à procura de material subversivo, prisões arbitrárias, etc. Desta forma, pode-se dizer que as fotografias funcionam como documentos que ganham vida no momento em que elas promovem reminiscências e ativam a correlação entre a esfera individual e a esfera pública, ou, seguindo o pensamento de Halbwaks (1992), podemos dizer que o álbum, serve de ponte entre a memória individual e o meio social, pois as lembranças individuais não ocorrem isoladamente das ações e necessidades de uma sociedade.

É Honório quem inicialmente faz Lena aventar a possibilidade de ela narrar os acontecimentos que presenciara naqueles anos de repressão sob a sua perspectiva, com a sua marca. Na visão desse amigo, contar o que sucedeu a ela seria importante; sua história deveria ter sido semelhante à história de muitas outras pessoas. Concordando com Honório nesse ponto, Lena pensa inicialmente em escrever uma reportagem na tentativa de reter o passado: “Uma coleção de testemunhos desse tempo. Um mapa de trajetórias diferentes. Ir anotando esses depoimentos, fazer um trabalho jornalístico de fôlego, em livro mesmo” (p. 35). Para Honório, porém, o jornal, “a maior ficção do século XX”, decididamente não seria o veículo adequado para contar essa experiência, conclusão a que também Lena chega algum tempo depois ao pensar que “dessa vez Honório tinha toda razão, ‘A dor da gente não sai no jornal’, já cantava um samba” (p. 35). Encontrar um meio de narrar a dor ao rememorar a experiência é a preocupação da personagem nesse momento. Se o jornal não constitui um veículo adequado, também a ficção não condiz exatamente com seus anseios:

E sentia também que ficção não tinha nada a ver com isso, podia ser uma coisa inventada ou acontecida, não estava aí a diferença, apesar do parentesco etimológico com a palavra fingimento. Onde estaria? Talvez na gana de botar para fora alguma coisa, de traduzir com pa-

*Memória,
escrita e
assimetria de
poder em
Tropical sol da
liberdade, de
Ana Maria
Machado*

79

lavras o olho do furacão íntimo de quem escreve, de permitir que a linguagem fosse mais importante que os fatos do enredo. Devia ser isso. Por aí... (p. 35).

Rosani Úrsula
Ketzer Umbach

Vera Lucia
Lenz Vianna

80

É a necessidade de socializar sua experiência com a repressão que move a personagem em direção à escrita, mesmo que ainda não tenha encontrado uma forma adequada de expressar-se. Não lhe causa incômodo a diferença entre o relato testemunhal, verídico e a narrativa ficcional – urge recuperar a memória de um passado, e com ela sua voz e sua identidade: “Deixar vir as lembranças, peneirar, separar, implicava necessariamente sentir dor de novo. E encarar de frente” (p. 114). A rememoração ocorre no plano individual e através de critérios diversos, seleciona, organiza e sistematiza lembranças daquilo que foi vivenciado. É esse o procedimento da protagonista Lena em seu relato autobiográfico. Sloterdijk (1978, p. 6) afirma que narrar histórias de vida é uma forma de prática social, pois a autobiografia constitui um gênero literário no qual indivíduos organizam suas experiências de vida, colocando a dimensão individual em um contexto de interesses públicos, na busca de um sentido. Ao entrelaçar uma história pessoal com interesses coletivos, valores, fantasias e paixões, a autobiografia deixaria transparecer o instante “mágico” do processo literário: a transição da experiência em conexões de sentido.

As reflexões da personagem sobre a peça teatral que deseja escrever e que funcionaria como tema sobre seus anos de exílio durante a ditadura enfatiza a importância de compartilhar sua experiência: “Muita gente já tinha escrito sobre a tortura, não era isso que ela queria abordar. Preferia se concentrar numa evocação do exílio, tal como ela viu e viveu, dividir essa experiência com quem ficou, compartilhar o sonho e o pesadelo.” (p. 127). Evocar os momentos vividos sem permitir o esquecimento daqueles que não puderam se manifestar é um compromisso ético abraçado pela personagem que deverá se materializar através da sua escrita.

Ao finalizar a análise aqui desenvolvida, destacamos a importância do texto e do contexto, da memória e da escrita no romance de Ana Maria Machado, os quais constituem temas centrais que se entrelaçam nas reflexões da protagonista de modo a conduzir a narrativa, estabelecendo-se como módulos associativos na abordagem dos anos de repressão

do regime militar no Brasil. O espaço que a memória ocupa na vida da personagem central é proporcional à sua necessidade de escrever, de externar sua experiência e de compartilhar seus sonhos e desventuras. Graças às lembranças escorregadias da protagonista que a empurram para o interior de si e, ao mesmo tempo rumo à história “maior” – expressão utilizada por Benjamin (1975), é dado ao leitor que não viveu esse período, um exercício reflexivo sobre os relatos aí narrados.

Essas questões, guardadas as devidas proporções, caracterizam as ações e os sentimentos da personagem em *Tropical sol da liberdade*. Ainda podemos dizer que o romance de Ana Maria Machado pode ser visto como um meio cultural, através do qual as memórias de Lena causam um descentramento e uma ruptura em relação ao contingente de pessoas esquecidas pela ditadura. Suas reminiscências são fundamentais, pois promovem a crítica, a denúncia, a reorganização do pensamento da personagem, bem como incentivam a reconsideração e a reavaliação de seres que viveram à margem do poder. Esse e tantos outros romances que apresentam um potencial crítico sobre os anos de repressão política, ativam uma memória igualmente crítica sobre fatos da História do país que não devem ser esquecidos.

Da mesma forma, as estratégias narrativas de muitos desses romances são concebidas de tal forma a reforçar o conteúdo denso que o discurso ficcional desnuda. Na obra em estudo, a descontinuidade temporal, a fragmentação do sujeito da enunciação, o uso da metaficção e as várias formas de introdução de alusões para referir ao real, causam inquietação no leitor e provocam uma reação frente ao mundo narrado. O leitor que se deixa levar pelos episódios que narram o sofrimento, o cerceamento da liberdade e a força bruta que não respeita a dignidade do ser humano, dificilmente sai imune ao chegar ao final da leitura – seus sentidos ficam mobilizados, sua visão de mundo perturbada.

Nesse sentido, *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado, representa certas conexões entre literatura e ética, endossando a noção de que o fazer literário suscita questionamentos em sua mediação entre outras formas de conhecimento, outras artes, outros modos de se pensar o processo de leitura, de interpretação e de crítica, entre outros aspectos.

Memória,
escrita e
assimetria de
poder em
*Tropical sol da
liberdade*, de
Ana Maria
Machado

81

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, A. **Erinnerungsräume**. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses. München, Beck, 2003.

Rosani Úrsula
Ketzer Umbach

ASSMANN, J. **Das kulturelle Gedächtnis**. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen. München: Beck, 1992.

Vera Lucia
Lenz Vianna

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas de Baudelaire. Tradução de Arlete de Brito. In: _____. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 37-76.

82

DELGADO, L. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de L. Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HERMANN, N. Ética, estética e alteridade. In: TREVISAN, A.; TOMAZETTI, E. (Orgs.). **Cultura e alteridade**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2006.

ISER, W. O ressurgimento da estética. In: ROSENFELD, D. (Org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

LANDOWSKI. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. Tradução de Mary A. L. Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MACHADO, A. M. **Tropical sol da liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

NORA, P. **Zwischen Geschichte und Gedächtnis**. Tradução do Francês de Wolfgang Kaiser. Berlin: Wagenbach, 1990.

RORTY, R. **Contingência, ironia y solidaridad**. Tradução de Alfredo E. Sinnot. Barcelona: Paidós, 1991.

SLOTERDIJK, P. **Literatur und Organisation von Lebenserfahrung.**
Autobiographien der Zwanziger Jahre. München: Carl Hanser, 1978.

*Memória,
escrita e
assimetria de
poder em
Tropical sol da
liberdade, de
Ana Maria
Machado*

83

